

Palavra e identidades de mulher: práticas culturais de coletivos femininos na cidade do Rio de Janeiro¹

Ana Carla Ferreira Longo Moraes²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho busca refletir acerca da importância dos coletivos femininos para a construção de práticas culturais e literárias dissidentes, com foco nos coletivos do Rio de Janeiro, “Papel Mulher” e “Literalmente Elas”. Objetiva-se entender como esses grupos se articulam e que atividades desempenham. Partiremos do *Instagram*, para compreender de que forma esses coletivos utilizam a mídia digital como aliada. Referenciamos-nos nos conceitos de “táticas” e “astúcias”, de Certeau (1998), de “identidade”, por Hall (2000), e de “oralitura”, de Leda Martins (2003).

PALAVRAS-CHAVE: literatura; feminismo; oralitura; cidade; comunicação.

INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no documento “Estudos sobre a Alfabetização e a Instrução da População do Brasil, Conforme as Apurações do Censo Demográfico de 1940”, apenas 34,11% das mulheres com 5 anos ou mais sabia ler e escrever à época, para 42,31% dos homens. A publicação de seus escritos também começou de forma tímida. Acerca dos livros de memórias de mulheres no século XX, Maria José Motta Viana (1995, p. 15) afirma que estes não eram publicados de forma imediata, mas apenas anos após serem escritos. Além disso, muitos permaneciam esquecidos e engavetados, acessíveis apenas a familiares.

Em 2024, segundo a pesquisa “Panorama do Consumo de Livros”, da *Nielsen Book Data* e da Câmara Brasileira do Livro (CBL), 61% dos compradores de livros são mulheres, em sua maioria da classe C (46%). Ademais, em 2023, entre as assinaturas de clubes de livro, figurava em 7º lugar o “Amora”³ (5,7%), clube de assinatura de livros

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e narrativas urbanas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), na Linha de Pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidades. Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), e-mail: carlaanasc3292@gmail.com.

³ Disponível em: <https://www.amoralivros.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

escritos por mulheres. Logo, há a ocupação do lugar de maioria leitora, bem como indícios do interesse na leitura de autoras mulheres.

Esse cenário é fortalecido pela presença de coletivos literários femininos, que criam espaços de partilha e impulsionamento da leitura. Portanto, partiremos da seguinte fundamentação teórica: os conceitos de “táticas” e “astúcias”, de Certeau (1998), “identidade”, por Hall (2000), e “oralitura”, de Leda Martins (2003). Em seguida, utilizaremos o *Instagram* dos coletivos do Rio de Janeiro, “Papel Mulher” e “Literalmente Elas”, para compreender, brevemente, de que forma esses coletivos se mobilizam, que atividades desempenham e como se apresentam, utilizando a mídia digital como aliada e potencializadora na ocupação de espaços da cidade e na construção e fortalecimento de identidades femininas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Certeau (1998) considera o cotidiano o lugar da inventividade. Para ele, o espaço da recepção e do consumo é carregado de complexidades, “táticas” e “astúcias” constituidoras de “maneiras de fazer”, capazes de encontrar fissuras no discurso dominante. “Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, [...]) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das ‘maneiras de fazer’: vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’ [...], artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’” (Certeau, 1998, p. 47). Por isso, ao pensarmos em coletivos de mulheres, pensamos nesse lugar de réplica ao saber imposto por uma sociedade patriarcal, um lugar constituidor de outras práticas culturais, reapropriações do sistema produzido.

Esses coletivos, ao potencializarem a leitura de mulheres, jogam com o terreno que lhes é imposto com “astúcia”, apropriam-se da “arte do fraco”, tomam-na como lugar de fortaleza de identidades. “Identidade”, contudo, segundo Hall (2000, p. 104), é um conceito “sob rasura”.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2000, p. 108).

Para Hall (2000), a identidade é construída e transformada de acordo com o local histórico e práticas específicas. Opera, ainda, a partir da diferença, de um Outro,

no caso, o homem. “Mulher” seria, assim, um marcador não unificado de identidade. É por tal razão que podemos pensar em “interseccionalidade”. Collins e Bilge (2020) refletem como as relações sociais são interseccionais, tendo em vista que categorias como raça, classe, gênero, orientação sexual, etc. são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. Não há, portanto, uma definição de mulher, mas muitas “mulheridades”, que se expressam através de práticas culturais plurais.

Para pensar, ainda, no valor da palavra sob o recorte do gênero, para além da palavra escrita, é importante destacar o conceito de “oralitura”. Leda Martins (2003, p. 77) aborda a memória não se limitando ao registro escrito, mas abrangendo gestos, inscrições culturais performáticas, que se potencializam através da grafia do corpo e da vocalidade. A autora utiliza o termo para pensar os rituais religiosos de ascendência africana, na reprodução, através da performance, de cenas de mitos. Contudo, é possível destacar o conceito em práticas como saraus literários, em que a poesia é declamada e performada em um espaço coletivo, como veremos nas práticas dos coletivos, a seguir.

PAPEL MULHER: A PALAVRA ESCRITA OCUPANDO AS RUAS

O coletivo “Papel Mulher” surgiu na cidade do Rio de Janeiro, em 2021, durante a pandemia da Covid-19, em um contexto de isolamento social. A partir da necessidade de ocupar as ruas, mulheres se organizaram para espalhar “lambes” pela cidade, fortemente inspiradas pela “tradição latino-americana de intervenção urbana” (Boechat; Leone; Americano, 2022, p. 214).

Ademais, o “lambe” possibilitaria uma outra forma de acesso à palavra escrita, aquela da “tática” e da “astúcia”, inserida no andar pela rua, no cotidiano, como bem aponta Certeau (1998). O coletivo alega que o “lambe” seria como tirar os poemas dos livros e levá-los à rua, onde mais pessoas têm chance de ser atravessadas pelo poema, buscando ampliar o acesso à poesia a outros espaços e classes sociais (Boechat; Leone; Americano, 2022, p. 217).

O coletivo espalhou-se por outras cidades do país e do mundo, incorporando mais mulheres e ocupando mais ruas. A iniciativa tem como objetivo disseminar a palavra de escritoras brasileiras e estrangeiras pelas cidades, mas ganhou também as redes, ampliando seu alcance. Em entrevista, algumas das integrantes afirmam: “o nosso meio de ação é a rua, no entanto, reconhecemos que só conseguimos ser do tamanho

que somos hoje por conta das redes sociais” (Boechat; Leone; Americano, 2022, p. 221).

Até o dia 26 de março de 2025, o coletivo reunia 92,5 mil seguidores e 1.188 publicações no *Instagram*⁴, um número expressivo que corrobora com o aumento do alcance e ilustra a presença contínua nas redes, onde se afirmam uma coletiva feminista sem fins lucrativos. O perfil reúne, majoritariamente, fotos dos “lambes” com as frases e trechos escritos por mulheres, colados pelas ruas (em postes, muros, etc.) e cada publicação conta com uma pequena biografia da sua autora, na legenda. No perfil, o coletivo divulga também as reuniões para novas integrantes e, em destaque, há informações sobre agenda, como participar, diretrizes e como colaborar, tendo em vista que a produção dos “lambes” é financiada pelas próprias integrantes e todo dinheiro recebido em colaborações convertido na produção e colagem destes.

LITERALMENTE ELAS: LEITURA COLETIVA E PERFORMANCE

O coletivo “Literalmente Elas” define-se como uma “coletiva de mulheres que leem mulheres e escrevem”, em sua página do *Instagram*⁵. Até o dia 26 de março de 2025, o coletivo reunia 2.320 seguidores e 2.020 publicações. Com menor visibilidade, o coletivo tem sua origem na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que apesar de ocupar mais de 70% do espaço da cidade e concentrar 41% da população (Tokarnia, 2023), está mais afastada das áreas centrais.

Segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), em 2023, das 166 bibliotecas públicas do Estado do Rio de Janeiro, 19 estavam na cidade do Rio e somente cinco na Zona Oeste (Relação, 2023). Tais dados mostram a importância de iniciativas como o coletivo no impulsionamento e na criação de espaços de leitura em regiões periféricas.

O grupo, que possui seis anos de existência, realiza leituras coletivas de autoras mulheres, saraus e participa ativamente dos eventos literários do bairro e da cidade. No perfil do *Instagram*, divulgam trechos de escritos das integrantes do grupo, eventos de lançamento de livros, fotos dos encontros, repostam conteúdo de mulheres escritoras e há, ainda, vídeos recitando e lendo trechos de livros. O perfil é uma forma de divulgar os encontros promovidos pelo coletivo, que livros serão lidos e os eventos em que

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/papel.mulher/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/literalmenteelas/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

estarão presentes. Há muitos *posts* em colaboração (disponíveis em ambos os perfis) com as participantes e outras páginas focadas em literatura feminina.

Um dos saraus realizado pelo grupo, registrado nas redes, ocorreu no bairro de Campo Grande, ao ar livre e de forma gratuita. Quando se pensa na palavra falada, da mulher que se põe de pé e alça sua voz nos saraus, reverberamos uma “oralitura”, reconhecemos o corpo “como portal de alteridades” (Martins, 2003, p. 64). Tal prática, na Zona Oeste, permite pensar identidades de mulher compostas por atravessamentos de classe e local geográfico, um conceito movente e repleto de especificidades, como disposto por Hall (2000). Há, na poesia falada, “a concepção de uma persona de poeta que pertence a um espaço, do qual obtém proteção, onde convive de forma coletiva” (Oliveira; Cruz, 2020, p. 146). Há o gesto, o olhar, a troca com o próprio corpo, com o outro e com o ambiente ao redor, “um cenário de performance, onde a poeta traz aquilo que é na intimidade para dentro da roda” (Oliveira; Cruz, 2020, p. 141-142).

CONCLUSÃO

O coletivo é, portanto, uma forma de organização e subversão social, a princípio, não institucionalizada. Os grupos aqui enfocados, “Papel Mulher” e “Literalmente Elas”, realizam práticas culturais distintas, de forma independente, ambas impulsionando o contato com a palavra, seja ela escrita ou falada, e a ocupação do espaço urbano. Há, a partir de cada realidade, a arte da invenção de “táticas” e “astúcias”, a construção de identidades de mulheres, no plural, ciente das especificidades e dos atravessamentos sociais. As redes sociais também operam como aliadas no alcance, divulgação e visibilidade das atividades desses coletivos, suscitadores de discursos muitas vezes excluídos dos espaços de poder e, por isso, construindo seus discursos nas brechas.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Mabel; LEONE, Luciana Di; AMERICANO, Mariana. Coletivas feministas e suas linguagens moventes — Cinco entrevistas: Colectiva Hilos; Brigada de Propaganda Feminista; La Perrera; Papel Mulher; La Lengua en la Calle. **Revista Terceira Margem**, v. 26, n. 48, p. 189-233, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50170>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ESTUDOS sobre a Alfabetização e a Instrução da População do Brasil, Conforme as Apurações do Censo Demográfico de 1940. Rio de Janeiro: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1948. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=281341>.

Acesso em: 16 jul. 2024.

HALL, Stuart. Quem Precisa da Identidade?. In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 16 jul. 2024.

OLIVEIRA, R. P. de; CRUZ, T. B. da. Poesia falada: o levante das mulheres. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 134-153, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i3.25444. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25444>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PANORAMA do Consumo de Livros. São Paulo: **Câmara Brasileira do Livro**, 2023.

Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2024/02/1701890856753Pesquisa20Panorama20do20Consumo20de20Livros_para20publicaC3A7C3A3o_V1.pdf. Acesso em: 16 jul. 2024.

PANORAMA do Consumo de Livros. São Paulo: **Câmara Brasileira do Livro**, 2025.

Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

RELAÇÃO de Bibliotecas Públicas do Estado do Rio de Janeiro. **Secretaria Especial da Cultura**, Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Disponível em:

<http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecas-rj/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

TOKARNIA, Mariana. Imensa e desigual, zona oeste é 70% do Rio e tem 41% da população. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2023-10/imensa-e-desigual-zona-oeste-e-70-do-rio-e-tem-41-da-populacao#:~:text=Composta%20por%2043%20bairros%2C%20a.que%20mais%20cresce%20em%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 jul. 2024

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.